



A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA ESCOLA DE SUMMERHILL



Profa. Dra. Janete de Aguirre Berique
Docente do Curso de Psicologia FASU / ACEG – Garça, SP

RESUMO

Este trabalho focaliza a maneira como a sexualidade é abordada na Escola de Summerhill, fundada em 1921, na Inglaterra, por A. S. NEILL, que se tornou o pai-símbolo da mesma. Baseia-se no naturalismo romântico de ROUSSEAU (séc. XVIII), na sua experiência com crianças e nos seus conhecimentos em Psicologia. Aborda as questões sexuais de modo natural, considerando-as próprias do ser humano, posicionando-se contra qualquer forma de repressão.

SUMMARY

This paper focuses the way that sexuality is broached in Summerhill School that is founded in England by A. S. NEIL (1921) her father-symbol. It is founded in the romantic naturalism of ROUSSEAU (XVIII century), in his own experience with children and his own knowledge about Psychology. It's broaches sexual matter naturally, how human question, against any repressive ways.

INTRODUÇÃO

O século XX e o início do XXI marcam o maior surto de progresso de todos os tempos, em todos os campos da atividade humana e, principalmente, no científico e no tecnológico. A complexidade da civilização contemporânea cresce, a cada dia que passa, e a práxis humana passa a ser, cada vez mais, influenciada por forças sociais, num processo de fora para dentro, que não atende às necessidades íntimas do ser humano. A liberdade natural desaparece, gradativamente, e a pessoa humana vai se tomando institucionalizada em todas as suas reações, à mediada que vai sendo envolvida pela trama da sociedade artificial, em seu processo evolutivo de desumanização em massa.

A preocupação com o tecnicismo relegou a um plano secundário a preocupação com o ser humano, com suas necessidades individuais e particulares, além das necessidades coletivas _ pensa-se e age-se em termos de coletividade (1), de padrões, de normas e de valores sociais, que devem ser respeitados, sob pena de sanções.

O intelecto humano abriu-se para a ciência e para a técnica, mas continuou fechado para muitos assuntos que compõem o quadro da vida humana feliz. Dentre eles, destaca-se o sexo que continua sendo tabu, mesmo em lares modernos, consciente ou inconscientemente (2). Entretanto, na renovada Escola de Summerhill (3), recebe tratamento natural e é aceito, naturalmente, pelas crianças, como mais uma função ou apenas mais um aparelho do corpo humano.

O SEXO EM SUMMERHILL

NEILL, fundador, diretor e pai-símbolo de Summerhill, em sua obra *Liberdade sem Medo*, proporciona uma visão de como o sexo é tratado em sua escola, norteada pelos princípios de liberdade e de amor, sendo uma aplicação de naturalismo romântico de Jean-Jacques ROUSSEAU (séc. XVIII), à educação. Adotou uma posição renovadora que, apesar de alguns exageros notórios e de algumas incongruências (*), é bem fundamentada psicologicamente e, com algumas restrições (4),

sociologicamente. Sua longa experiência com crianças (5), aliada a seus conhecimentos de Psicologia, proporcionou ao autor os exemplos vivenciais, para demonstrar que a sexualidade infantil é um componente do desenvolvimento humano natural e que sua repressão desvia essa trajetória, para ocasionar graves neuroses (6).

Explica os motivos dessa repressão, baseada em convenções sociais, e traça felizes normas de educação e higiene sexuais sadias, tarefas importantes, pois o destino do amor se forja na infância; e aos 6 anos a criança tem determinados os traços principais de sua personalidade e comportamento futuros. Concorde, pois, com o que FREUD diz sobre a origem da neurose: “Todos estes traumatismos (dos quais decorre, como conseqüência, a neurose) se produziram na primeira infância, até os 5 anos, aproximadamente...” (7). A educação sexual deve, pois, começar com o nascimento, como um componente da educação integral.

Pais e educadores, em sua maioria, assumem uma atitude anti-sexo, de modo que as crianças que crescem sob sua tutela são condicionadas a relacionar sexo com pecado, e qualquer brincadeira infantil que envolva seus órgãos genitais é severamente castigada, como uma ofensa contra a moralidade sexual (8). NEILL volta-se contra essa atitude repressora, porque a proibição, ao invés de afastar o interesse da criança daquilo que é proibido, tem um efeito contrário, canalizando-o totalmente em sua direção (9). Condena a atitude anti-sexo dos adultos, chamando-a de “hipócrita e embusteira” (10), porque eles mesmos estão interessados em assuntos sexuais e, porque foram reprimidos em sua infância, condenam os fenômenos da sexualidade infantil; consideram, ainda, a própria sexualidade como uma paixão mórbida e pecaminosa, que se deve encobrir. Na verdade, estão renegando e voltando-se contra sua própria infância, como FREUD já havia observado: “Os pais esquecem as dificuldades por que passaram e sentem satisfação em poder identificar-se com seus próprios pais, que lhes impuseram cadeias tão duras na infância” (11).

Essa fórmula negativista de educação sexual – pecado, proibição, castigo – precisa ser evitada, pois é errada, tanto no plano humano como no moral. Apresentar os imperativos da conduta humana e moral como negação das forças vivas do ser humano é um erro. Do mesmo modo, NEILL considera errado o silêncio, as soluções fáceis e o extremismo no tratamento das questões sexuais, posição essa que é apoiada por todos os teóricos da educação contemporânea. Para ele, só há dois modos de tratá-las assim: um, é encarar o sexo pecaminoso, errado e sujo; outro, é ser realista quanto ao assunto. Opta pelo segundo e, aqui, sua posição coincide com a do padre CHARBONNEAU, que consiste em apresentá-lo como “condição para um maior acesso à liberdade” (12).

Há acordo entre NEILL e a Psicologia contemporânea, quanto à abordagem correta dos temas sexuais, pelos pais e professores. Esta deve ser destituída de qualquer tonalidade emocional; sessões especiais com portas fechadas, e tom de voz velado, conduzem ao envolvimento do sexo num clima místico e sagrado, destituindo-o de seu caráter natural. Isso não significa, contudo, que pode ser tratado com uma naturalidade grosseira, imprópria à delicadeza de espírito da criança, tão facilmente impregnável de noções ou impressões perturbadoras. Tratá-lo misteriosamente ou não cuidar, convenientemente, desse delicado tema de educação constitui o erro do extremo oposto (13).

O mesmo acordo existe quanto à preeminência dos pais na educação sexual dos filhos (14). Entretanto, é necessário que se informem e se eduquem antes de tentarem satisfazer a curiosidade infantil, pois o que se diz à criança é menos importante do que como se diz (15). Deve-se atentar para o fato de que não é, propriamente, o anatômico, o biológico ou o fisiológico que é inquietador para o espírito da criança (16); o grave é sua repercussão psicológica, em virtude da inquietude interior que pode desencadear; é seu significado para o indivíduo na família e na sociedade (17). Se estas vêem sexo como algo pecaminoso e sujo, certamente, tendem a cercar a liberdade natural da criança e a levantar uma parede, para que a curiosidade infantil não penetre no mundo adulto do adulto. O fato de os pais reprimirem as perguntas infantis, mostrarem desagrado e tentarem esquivar-se de dar respostas, faz com que a criança classifique o assunto sexual como proibido e, para seu sossego, ela não os inquirirá mais. Entretanto, e para prejuízo de sua educação, quando as portas dos pais se fecham, a criança costuma abrir a das informações não recomendáveis, junto a amiguinhos, a adultos inescrupulosos ou a outras fontes duvidosas. A conseqüência é a destruição dos valores do amor, e a confusão entre a normalidade e as afirmações patológicas de virilidade, que levam os jovens para o abismo da sexualidade desenfreada.

NEILL aceita com naturalidade e aprova as manifestações normais da sexualidade, até a união sexual entre rapazes e moças, antes do casamento, com a restrição de que ambos estejam preparados e que seja fundamentada no amor. Se não sofreram repressões, a escolha será acertada e o ato sexual um ato de amor; no outro extremo está a promiscuidade, que resulta do sexo reprimido (18). Opõe-se ao amor livre porque é promíscuo e destituído de ternura, calor e afeição verdadeira. Nesta posição, encontra apoio da maioria dos teólogos, psicólogos, psicanalistas e sexólogos, que vêem no amor livre uma porta aberta para a neurose e o suicídio.

Encontra o mesmo apoio quanto ao sentido e ao fim da educação sexual que propõe: conduzir a criança e o adolescente no sentido de sua real dimensão humana – a de ser livre e feliz.

Espera que os pais sejam capazes desta realização, pois se não o conseguirem, não haverá outro educador que possa realizar esta tarefa fundamental; e, ainda, que compreendam que a liberdade é uma realidade de ordem interior, é algo que vem de dentro para fora, naturalmente (19). Quem não conseguir atingir uma dimensão de liberdade não será um homem; será, antes, um neurótico, um desajustado. Aqui, novamente, o autor, tratando da função da educação sexual, tem o mesmo pensamento do padre CHARBONNEAU, para quem o seu sentido se reúne em:

“... fazer com que os nossos adolescentes não se alienem, não regridam no processo evolutivo; mas, ao contrário, sejam cada vez mais livres, adquiram a liberdade, ou seja, atinjam o domínio de si, expressão inicial da liberdade, pois esta não se adquire na libertinagem” (20).

Especialistas em educação sexual (***) salientam três posições que devem ser evitadas por aqueles que se propõem a executar a importante tarefa e que coincidem com as que NEILL considera desastrosas, em se tratando de questões sexuais. A primeira, a mais comum, é a de silêncio; não se toca no assunto: é a técnica do adiamento. O silêncio é criminoso porque, quase fatalmente, leva o adolescente a mergulhar na experiência sexual precoce, seja a masturbação sistemática e doentia, ou a frequência aos prostíbulos, o que, sendo profundamente nocivo, gera a imaturidade sexual. A mocinha, por sua vez, é exposta a experiências desastrosas, que deixarão suas marcas sob a forma de frigidez, ou de alguma manifestação anormal de comportamento. A segunda é a das soluções mais fáceis, em que os pais camuflam a verdade e lançam mão de uma série de artifícios, procurando embelezar o que eles acreditam ser sujo e pecaminoso (21). Toda informação precisa ser verdadeira; é preferível não falar do que mistificar e enganar; a mentira acabaria por destruir toda a consideração e a confiança dos filhos para com os pais. A terceira é a do extremismo, em que os pais, levados pela pressa, pela ignorância, ou em nome de um falso modernismo, julgam que devem dizer de uma só vez, tudo o que sabem. Esta forma de educação deve ser combatida, pois o excesso também conduz à neurose; mas, ainda, é preferível o exagero à mentira. Deve-se responder só o que for perguntado, não ir além, pois as solicitações da criança em matéria de sexo evoluirão, naturalmente, segundo sua idade e maturidade, e seguindo o curso de seus interesses, que é proporcional ao desenvolvimento psicológico (22).

NEILL concorda com os psicólogos e educadores em que há um momento certo para cada tipo de conhecimento. Concorde, ainda, que, em muitos casos, é melhor falar um ano antes do que cinco minutos depois. A menina deve ser informada sobre o processo da menstruação, antes que ocorra a primeira; e o menino deve ser prevenido sobre o perigo das doenças venéreas, antes que se envolva em experiências sexuais, que podem ser desastrosas. Os traumas oriundos da falta de conhecimento poderão determinar anomalias de comportamento e persistir por toda a vida.

O autor aborda, ainda, questões relativas à nudez, masturbação, homossexualidade, pornografia e outras, seguindo a mesma linha das que foram enfocadas neste estudo. Em Summerhill, todas são tratadas de modo natural e encaradas como manifestações normais da sexualidade e que, por isso, não devem sofrer nenhuma espécie de repressão; representam o caminho natural para a vida sexual feliz.

Em qualquer parte do mundo, como em Summerhill, a criança é levada a experiências ou a brinquedos sexuais, motivada pelo interesse e curiosidade naturais; uma vez satisfeitos, a criança passa a ter outros interesses, o que não acontece se houver qualquer tentativa de repressão – esta serve, apenas, para fortalecer o interesse e provocar neuroses (23). Se não for coagida a aceitar os valores do adulto, irá intuindo os conceitos éticos e morais do ambiente em que vive, através da observação e por um processo de seleção gradativo e natural, sem que haja necessidade de imposição (24). É pelo exemplo, pelo amor e pela aprovação, que se obtém a melhor educação e a melhor correção (25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Excluindo-se as notas materialistas da concepção neilliana de educação, todos os princípios educativos propostos pelo criador de Summerhill são válidos e bem fundamentados, psicologicamente. O materialismo de sua filosofia tornar-se-á mais moderado e, por vezes, imperceptível, se o leitor conseguir apreender seu cunho humano, que fundamenta a educação na liberdade, no amor e na autenticidade – num extremo respeito pela pessoa humana.

Em se tratando de sexo, entende-se que a educação que NEILL propõe coincide com a, teoricamente, desejada pela maioria das pessoas; mas que não é posta em prática devido à força coatora da sociedade, que ele próprio reconhece (26), e que deve ser esquecida ou, pelo menos, relegada a um plano secundário, quando se trata da felicidade da pessoa humana. O desejável seria, entretanto, o meio termo: nem moldar o comportamento individual, unicamente, considerando a sociedade, nem relegar ao esquecimento a escala de valores sociais, fruto de uma cultura; entre esses dois excessos reside a verdade e reina a sabedoria.

A intersecção entre valores sociais e individuais deveria ser o ponto de partida e de apoio de uma educação sexual eficaz: a que prepara o indivíduo, acompanhando-o durante a evolução, para que a maturidade o encontre com o mínimo de complexos negativos, com a máxima capacidade de gozar os prazeres da vida, e lhe dá meios de trabalhar com eficiência para si e para os seus; em resumo, deve capacitar a pessoa para preencher ambas as funções do sexo: a procriação e o prazer (27).

A responsabilidade de quem educa é, pois, muito grande. Não se admite mais o empirismo e a improvisação pedagógica, como base da educação sexual, seja no lar ou na escola. Aquilo que ambos fizerem pela criança indicará o caminho que ela irá seguir no futuro: o desvio emocional, o sadismo, a frigidez, a neurose, o crime, a reclusão hospitalar; ou o ajustamento, a adequação, a maturidade psíquica, o equilíbrio emocional, condições do êxito e da vida feliz.

“O sexo não é parque de diversões nem câmara de torturas” (28). Deve ser tratado e utilizado para o bem do ser humano, e não para atuar como um tirano de sua personalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS DA AUTORA

- (1) Referindo-se a um indivíduo que se presta a ilustrar um dos casos de desindividualização, em sua obra, NEILL diz: “Suas emoções são antes as emoções da multidão, do que sentimentos individuais”. NEILL, A . S. – *Liberdade sem Medo*, trad. brás., 11. ed. São Paulo, IBRASA, 1971, p. 92.
- (2) “O porquê da existência de um tabu sexual não representa preocupação imediata para mim. O que traz grande preocupação (...) é saber que existe um tabu sexual”. NEILL, A . S., op. cit., p. 191.
- (3) “Summerhill foi fundada em 1921. Está situada na aldeia de Leiston, em Suffolk, Inglaterra, e fica mais ou menos a cem milhas de Londres (...) Alguns para ali vão com a idade de 5 anos, e outros já com 15. (...) permanecem na escola até alcançarem os 16 anos”. Id., *ibid.*, p. 3.
(*) É exagero pensar, como NEILL, em completa liberdade de atitudes, pensamentos e emoções, pois o ser humano é o centro para o qual converge um sem número de estímulos, condicionando-o ao meio em que vive e aos grupos a que pertence.
- (4) Sabe-se que a lei é uma necessidade social para garantir a vigência da ordem, em todas as instituições. Entretanto, NEILL a coloca como responsável pelo crime, pois, para ele, “... a lei do Estado apenas revive as lembranças inconscientes das restrições no lar.” Id., *ibid.*) p.257.
- (5) Id., *ibid.*, p. XX
- (6) Id., *ibid.*, p. 274.
- (7) Apud SZÉKELI, Béla – *A Evolução Sexual da Criança*, trad. brás., Rio de Janeiro, Ed. Andes, 1954, p. 17.
- (8) NEILL, A . S., op. cot., p. 191.
- (9) Id., *ibid.*, p. 192.
- (10) Id., loc. cit.
- (11) Apud SZEKELI, Béla, op. cit., p. 6.
- (12) CHARBONNEAU, Pe. Paul-Eugène – *Pais e Filhos*, São Paulo, CODIL, 1979, p. 26.
- (13) NEILL, A . S., op. cit., p. 6.
- (14) Id., *ibid.*, p. 374.
- (15) “Se a curiosidade natural da criança foi sempre satisfeita através de respostas claras e despidas de emoção, o sexo não se destacará como algo que tem que ser especialmente ensinado”. Id., *ibid.*, p. 202.
- (16) “Entre os Trobianderes (...) as crianças vêem não só as relações paternas, mas o nascimento e a morte (...) e isso nada as afeta mal”. Id., *ibid.*, p. 200.
- (17) “O simples fato de a lei não permitir a exposição dos órgãos sexuais tende a dar à criança uma atitude pervertida em relação ao corpo humano”. Id., *ibid.*, p. 212.
- (18) “A promiscuidade é neurótica: tata-se de uma mudança constante de companheiro (...) Sexo promíscuo – resultado direto da repressão – é sempre infeliz e vergonhoso”. Id., op. cit., p. 219.
- (19) “... não há necessidade nenhuma de ensinar a uma criança como se comportar. Ela aprenderá o que é certo e o que é errado à boa hora – contanto que não seja pressionada para isso”. Id., *ibid.*, p. 237.
- (20) CHARBONNEAU, Pe. Paul-Eugène, op. cit., p. 24.
- (*) Autores referidos neste trabalho.
- (21) NEILL, A . S., op. cit., p. 205.
- (22) NEILL, A . S., p. 203 e 204.
- (23) “E, honestamente, a criança deve ser satisfeita e orientada em sua curiosidade, sem reprimendas

e sem ser apontada como perversa. Uma vez esclarecidas as dúvidas e dissipadas as preocupações, bem como desfeitos os temores, a curiosidade em torno do sexo desaparecerá ou se atenuará consideravelmente”. NÉRICI, Imídeo G. – *Seus Filhos, o Sexo e Você*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1961, p. 112.

- (24) “Aprender é um processo de adquirir valores do ambiente em que se vive. Se os pais forem honestos e morais, seus filhos, no tempo devido, seguirão o mesmo caminho. NEILL, A . S., op. cit., p. 237.
- (25) Id., ibid., p. 36.
- (26) “... se em Summerhill eu aprovasse que meus jovens alunos dormissem juntos, minha escola seria fechada pelas autoridades.” Id., ibid, p. 194.
- (27) Id. ibid, p. 206.
- (28) ARMANELLI, Wellington – *Sexualidade Infantil*, 3a ed. Belo Horizonte, Ed. I. A., 1967, p. 89.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ARMANELI, Wellington – *Sexualidade Infantil*, 3. ed., Belo Horizonte, Ed. I. A., 1967
2. BERGE, André – *A Educação Sexual da Criança*, trad. Brás., 4. ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1961.
3. CARDOSO, Ofélia Boisson – *Faça seu Filho Feliz*, 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Conquista, s.d.
4. CHARBONNEAU, Pe. Paul-Eugène – *Pais e Filhos*, São Paulo, Codil, 1970.
5. NEILL, A . S. – *Liberdade sem Medo*, trad. brás., 11. ed. São Paulo, Ibrasa, 1971.
6. --- *Liberdade sem Excesso*, trad. brás., 4. ed. São Paulo, Ibrasa, 1969.
7. NÉRICI, Imídeo G. – *Seus Filhos, o Sexo e Você*, 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1961.
8. SAWREY, James M. e TELFORD, Charles W. – *Psicologia Educacional*, trad. bras., Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1964.
9. SZÉKELI, Bela – *Evolução Sexual da Criança*, trad. brás., Rio de Janeiro, Editorial Andes Ltda., 1954.